

1. Introdução

Em 16 de julho de 2013, organizei, juntamente com duas alunas e um aluno, uma mesa-redonda. A atividade aconteceria durante um evento que mobiliza, anualmente, toda a instituição em que trabalho¹. A proposta foi uma ideia minha: gostaria que juntos apresentássemos ao público do evento nossas experiências no âmbito de uma disciplina que havia ofertado nos semestres anteriores². Os alunos gostaram da ideia e, no dia e hora marcados, estávamos os quatro diante de uma plateia de aproximadamente cinquenta pessoas. Estavam ali outros professores da instituição, alunos de outros períodos e cursos, além de algumas pessoas que, sabendo do evento, participavam das atividades como ouvintes.

Após a apresentação dos alunos – relatos individuais sobre como haviam sido suas participações durante as aulas, que discussões mais despertaram seus interesses, como se relacionaram com as temáticas –, tomei a palavra. Havia escolhido, na manhã que antecedeu a noite da apresentação, preparar um texto para ser lido. Assim, pensei, conseguiria fazer-me mais claro, não deixaria passar elementos importantes para alcançar os objetivos da fala. De fato, foi com essa intenção que preparei o texto escrito. Ao terminá-lo, porém, percebi que havia utilizado o artifício da escrita não somente como uma estratégia de organização de ideias; ali, mais uma vez, fazia algo que, repetida e insistentemente, venho fazendo há alguns anos. E que, de novo, vou fazer nesta tese. Voltarei a isso daqui a algumas linhas. Antes, apresento aquilo que compôs a minha exposição naquele 16 de julho.

QUANDO A DIFERENÇA APARECE: UM RELATO SOBRE A DISCIPLINA TURISMO E DIVERSIDADE

¹ Esta instituição será apresentada com mais detalhes no capítulo 4. Por ora, é importante dizer que se trata de uma instituição pública de ensino que, entre outros níveis, oferta cursos de ensino superior. O evento a que faço referência aqui envolve alunos desse nível de ensino, em especial, estudantes de um curso de Turismo.

² A disciplina foi oferecida na modalidade de disciplina optativa, isto é, uma cadeira que não necessariamente é cursada por todos os alunos do curso.

Início esta apresentação falando de quem está aqui na frente. Estão aqui duas alunas, um aluno e um professor que, juntamente com outras alunas e outros alunos, pensaram sobre questões que envolvem a diferença. Impulsionados por mim – pelo menos naquele momento – elas e ele voltaram sua atenção a vivências que, em geral, não são tematizadas em nossa vida cotidiana. Essas vivências têm vida (isso não é uma redundância). Essas vivências têm nome. Essas vivências têm corpos. Essas vivências têm gênero. Essas vivências têm cor. Essas vivências têm sexualidade. Entretanto, essas vivências vivem ocupando um lugar social diferenciado – estou generalizando, propositalmente. A esse lugar dou o nome, aqui, de diferença.

Antes de explicar melhor o que é essa diferença, e o que eu penso sobre ela, faço um alerta importante: esta é uma apresentação implicante. Ela será implicante ou porque falarei de temáticas incômodas, indigestas e desrespeitosas para algumas visões, ou porque falarei de um modo pretensioso. Eu serei pretensioso. Eu darei importância, brilho, cor, glitter e purpurina ao tema. E sem medo de ser feliz. Vai ser um pouco dramático, um pouco exagerado, um pouco irritante. Mas é assim que eu quero que seja. Serei pretensioso. E, como estão vendo, também um pouco arrogante.

***Turismo e Diversidade** foi uma disciplina eletiva que ofereci ao curso de Tecnologia em Gestão do Turismo por três semestres consecutivos. Sua proposição está diretamente relacionada às temáticas que me interessam enquanto pesquisador da área dos estudos identitários e discursivos. As semânticas sociais de gênero, sexualidade e raça tematizam os textos que escrevo, os trabalhos que apresento, e, de algum modo, as aulas que dou. Minha prática docente como professor de Português e de Língua Estrangeira se vê influenciada por esses assuntos, ainda que de maneira menos perceptível e mais discreta (ou nem tanto; vale mencionar aqui a alcunha que recebi de uma aluna de minhas aulas de espanhol. Disse ela: “o Leandro adora uma polêmica”. Ser um “professor polêmico” talvez seja tudo o que eu quero). É no âmbito da disciplina **Turismo e Diversidade** que torno mais evidentes, para o curso de Turismo, esses assuntos que já me acompanham há alguns anos.*

***Turismo e Diversidade** tem como proposta principal falar do que não falamos, tratar do que não tratamos, conversar sobre o que não conversamos, debater o que não debatemos (eu disse que seria pretensioso). Cabe muita coisa dentro desse pacote. Nós não falamos, tratamos, conversamos, debatemos sobre uma infinidade de questões. Dentre muitas, escolhi falar de mulheres, de gays e de negras e negros. Propus, então, que durante um semestre voltássemos nossa atenção às práticas sociodiscursivas estabelecidas por, sobre e entre negritudes, feminilidades e homossexualidades. Fizemos isso, primeiro de uma forma geral – tratando por exemplo do histórico de lutas dos movimentos LGBT, feministas e negros, de obras centrais que tematizaram essas identidades, sobretudo no século XX, de materiais midiáticos que veiculam discursos relativos a essas identidades. Posteriormente, passamos a relacionar essas discussões e materiais a atividades que envolvem o turismo e suas práticas derivadas. As identidades negras veiculadas por roteiros turísticos denominados “étnicos”, as (in)visibilidades propiciadas por empreendimentos que envolvem cidadanias LGBT, os sentidos atribuídos por e sobre prostitutas dentro do que se chama turismo sexual foram algumas das relações estabelecidas.*

Toda essa discussão teve como pano de fundo uma abordagem crítica (uso esse adjetivo em seu sentido primeiro – não há vínculo aqui com o que se denomina “Teoria Crítica”) sobre o que chamarei aqui “mundo contemporâneo” (uso esse termo em detrimento de outros, para mim, menos representativos do que vivenciamos no hoje, tais como “pós-modernidade” ou “modernidade tardia”). Falamos então de alguns impactos, sobretudo os identitários, causados pelo advento das novas tecnologias da comunicação e sua parceira, a globalização (ou um tipo de globalização), sobre os movimentos sociais que, durante o século XX, reformularam nossas concepções sobre o que é a vida, o saber, a identidade, os limites entre o correto e o errado. Falamos então, usando uma expressão de um sociólogo best-seller, da “liquidez” das relações e das identidades.

São alguns os desdobramentos que se seguem à afirmação de que o mundo está em seu estado líquido. Não tenho tempo para tratar de muitos aqui. Falarei somente do ponto que mais me interessa para esta noite. Falarei de como essa sensação de liquidez (leiamos liquidez aqui como flexibilização e desconstrução) fez aparecer o que lá no início chamei de diferença. Quem é essa diferença que, segundo o que estou dizendo aqui, não aparecia? O que é essa diferença que, segundo o que digo aqui, não era um assunto tratado em eventos como esse de que estamos participando? Que vidas eram essas que, segundo o que estou dizendo aqui, não possuíam história contada, não figuravam as páginas de nossos livros e as telas de nossas televisões e que, por esses motivos, ocuparam o lugar do diferente, do exótico, do segundo lugar, do étnico, do sexual?

A resposta, acho eu, já está evidente. Mas eu a darei mesmo assim. Essas vidas eram vidas como a minha (lembro a todos da minha promessa de pretensão e arrogância do início). É uma alegria sem tamanho (e eu acho que muitos e muitas de vocês talvez não consigam entender a magnitude desse momento para mim) poder dizer essas coisas aqui. É uma alegria sem tamanho poder, sem medo de ser feliz, falar aqui, sentado nessa mesa, sobre um assunto que me informa como indivíduo do mundo. É uma alegria sem tamanho poder, sem medo de ser feliz, fazer desse assunto a temática a ser desenvolvida em minha tese de doutorado. É uma alegria sem tamanho poder, com um pouco de medo de ser feliz, usar um anel no dedo esquerdo que simboliza a minha união com outro homem. É uma alegria sem tamanho poder falar em minhas aulas dessa minha união. É uma alegria sem tamanho poder discutir com alunas e alunos brilhantes, como os que estão aqui comigo, assuntos que, há uns dez anos, nunca sonhei discutir sequer comigo mesmo. É uma alegria sem tamanho falar de mim e falar das outras e dos outros que, como eu, tiveram sua cor, seu tom de voz, sua forma física, entre outros deslocamentos, apagados, silenciados, esquecidos. É uma alegria sem tamanho poder criar uma disciplina que tenha como tema as homossexualidades, as feminilidades e as negritudes. É uma alegria sem tamanho falar do que está aí, do que está aqui, do que está em toda parte, mas que durante muito tempo fizemos questão de esconder, de não problematizar e de não viver.

E eu não sou o herói dessa história. Eu só estou aqui, falando sobre isso, porque antes de mim, não houve alegria. Parece exagero, mas é o que aconteceu: nós somente estamos aqui conversando sobre isso porque, em outros tempos, outros e outras foram chamados de loucos, de despudorados, de revolucionários, de hereges. São sua loucura, despudor, revolução e heresia que nos permitem estar aqui tratando desses assuntos.

Bom, a diferença apareceu. A diferença de que trata o título desta mesa apareceu. A diversidade de que trata o título da disciplina que ministrei se compõe dessa diferença que apareceu aqui. Propus aos alunos e às alunas que pensássemos na diversidade pelo viés da diferença. E fiz isso acreditando numa mudança de lógica, numa desconstrução de ordem.

Termino aqui tendo dito, certamente, muito menos do que desejava, e muito mais do que deveria. Momentos como esse são os que me permitem sair um pouco de minha casca comportada, cordata e pacífica. A empolgação e o exagero são incontrolláveis. Lá fora, nos corredores, eu pediria desculpas pelo excesso. Aqui fico mais à vontade para manter o excesso, para ficar em cima do salto (infelizmente imaginário – minha audácia ainda não chegou ao figurino). Que as vozes da diferença apareçam! Muito obrigado.

Ao final dos quase 15 minutos que utilizei para a leitura do texto, o público presente, e também os três alunos que me acompanhavam, encheram o silêncio da sala com palmas. Foram alguns instantes de barulho, que me fizeram, sem conseguir controlar, ir às lágrimas. Ali, em minha instituição de trabalho, mais uma vez, eu saía do armário.

O trabalho que ora se apresenta costura três elementos centrais: interações, narrativas e homossexualidades. Para o desenvolvimento desta tese, aproximo-me de três rapazes que se autodenominam gays para que, em contexto de entrevista, me contem histórias que compõem seus percursos de vida. A pesquisa possui relação direta com desafios que me proponho cotidianamente. Tais desafios perpassam questionamentos acerca de minha atuação como pesquisador da área de linguagens e também reflexões que ocupam outras áreas de minha vivência social. Desenvolvo aqui uma tese relacionada a identidades não-normativas de gênero e sexualidade.

Nos últimos sete anos, as discussões em torno das performances de gênero e de sexualidade começaram a figurar de forma mais acadêmica em minhas preocupações intelectuais. O que antes eram impressões, ideias vagas e curiosidades empíricas, ganhou substância teórica e passou a ocupar grande parte de minha prática de pesquisa em Linguística Aplicada.

A iniciação às leituras sobre essa temática, no âmbito da Linguística Aplicada, se deu por ocasião de minha participação, quando ainda era aluno do curso de mestrado, na disciplina **Práticas Discursivas Mono e Multiculturais na Mídia**, oferecida pela Profa. Dra. Branca Falabella Fabrício no Programa

Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (UFRJ) em 2009. Nela, tive a oportunidade de discutir questões identitárias (temática que já me interessava devido ao assunto que tratei em minha dissertação de mestrado³) e pude conhecer autores que debatiam, por exemplo, problemáticas a respeito de políticas de gênero e de (re)significações de sexualidades não-hegemônicas. Como trabalho final dessa disciplina, produzi uma pequena monografia que relacionou as minhas performances de gênero e sexualidade à minha prática profissional. A presente tese está intimamente ligada a esta pequena e, para mim, tão significativa pesquisa⁴.

Como esta proposta de trabalho possui relação estreita com minhas subjetividades, julgo importante situar-me e contextualizar-me enquanto pesquisador e sujeito do mundo.

Há quinze anos atuo como professor de Português e Língua Adicional (Espanhol) em instituições de ensino privadas e públicas. Há quinze anos também iniciei minha vivência no âmbito da pesquisa em linguagem, ainda que numa área dos estudos linguísticos com orientações distintas das da Linguística Aplicada⁵. Nesses processos, sempre me interessou a dialética linguagem-sociedade. Seja como docente, seja como iniciante na prática da pesquisa, as fricções entre os sentidos e suas repercussões sociais estiveram constantemente presentes em minhas ideias.

Atualmente, conforme já mencionei, os efeitos de sentido de práticas não-hegemônicas de gênero e sexualidade figuram em meus anseios de pesquisa. Interessam-me as ocorrências dessas práticas nos mais variados ambientes interacionais, tais como o familiar e os espaços de educação formal. Tal interesse se dá por empreender constantemente um trabalho de reflexão sobre minhas próprias atuações sociais e suas reverberações nesses ambientes, em um exercício

³ Minha dissertação de mestrado, *Ethos e Práticas Identitárias: um estudo das imagens de si no discurso de professores de Espanhol Língua Estrangeira* (2010), tratou, a partir de uma perspectiva enunciativa dos estudos discursivos, de construções sociodiscursivas de identidades docentes.

⁴ A monografia recebeu o título **Homossexualidade em questão: uma experiência docente de si**.

⁵ Entre os anos de 2001 e 2003, atuei como bolsista de iniciação científica de um projeto na área da Sociolinguística Variacionista, o PEUL (Programa de Estudos sobre o Uso da Linguagem), sediado na Faculdade de Letras da UFRJ, sob orientação da Profa. Dra. Maria Cecília de Magalhães Mollica.

contínuo de autoanálise. Entre os sentidos que me constroem como um sujeito do mundo, está a vivência pública, aberta e dialogada de uma sexualidade não-hegemônica, de uma masculinidade não-heteronormativa: de uma sexualidade e masculinidade gays.

Desde muito cedo, as orientações de minha sexualidade estiveram presentes em minhas reflexões. A preocupação anterior – uma busca de entendimento sobre o que acontecia com a organização de meus desejos – redirecionou-se para uma inquietação a respeito dos efeitos sociais de sentido relacionados às minhas performances como um indivíduo gay. Por não estar inscrita unicamente nos contatos afetivo-sexuais com indivíduos do mesmo sexo, mas por estar também disponível para leitura em estilizações corpóreo-discursivas, a sexualidade nunca esteve distanciada de minha vivência pública. Se antes o trabalho discursivo que empreendia era na tentativa de ocultá-la ao máximo para que estivesse vestida de uma retórica heteronormativa, hoje lido com ela a partir de pistas não-hegemônicas e intencionalmente políticas⁶.

No que se refere à minha atuação como profissional da educação, ao levar noções sociais de sexualidade ao palco de debates de minhas aulas (sejam as aulas de Português e Espanhol, ou em disciplinas em que tais temas figuram de forma mais evidente), faço de minha atuação docente uma ação intencionalmente política. As reflexões colaborativas que empreendo com meus alunos, por levarem a questionamentos sobre (novos) modos de ser, (novas) concepções da vida social, possuem caráter político e fazem de minha atuação uma prática interessada e engajada, na tentativa de construção de espaços de diálogo com a alteridade, de democracia e de respeito.

Viver em sociedade construindo-se como um indivíduo homossexual não é trivial. Os primeiros conflitos e questionamentos individuais, quando ainda se é uma criança, as várias situações de constrangimento pelas quais se passa em cenários como o familiar e o escolar e as múltiplas interdições vividas nas mais variadas esferas públicas são algumas experiências que fazem da

⁶ O uso que faço do termo “política” neste texto está relacionado à consciência da não neutralidade das práticas sociais que empreendo, assim como indica Fabrício (2008). Ou seja, se não são neutras, vêm de algum lugar e respondem a um tal conjunto de crenças. São, portanto, ideológicas e, por isso, políticas. Dessa forma agem no mundo social categorizando, (des)construindo, incluindo, excluindo, normalizando, transgredindo possibilidades semânticas.

homossexualidade um estigma social. Na classificação operada pelo senso comum que orienta a maioria das relações sociais contemporaneamente, um indivíduo gay “tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável – num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca” (Goffman, [1963] 2008, p. 12). Possivelmente interpretada como uma descrição exagerada para pensar a homossexualidade, a definição de Erving Goffman parece-me bastante próxima de inúmeras violências sofridas cotidianamente por indivíduos que se identificam como gays. A possível vitimização entrevista nestas linhas certamente não alcança o grau de sofrimento das inúmeras vítimas de violência homofóbica que enchem, a cada dia, páginas de jornais e revistas, noticiários de televisão e rádio e postagens em redes sociais virtuais. As homossexualidades, neste trabalho, são vistas como performances estigmatizadas socialmente.

Esta explanação, além de tornar mais elucidativa a proposição do trabalho, deixa entrever o tipo de posicionamento que assumo como pesquisador. Minha postura científica se distancia de uma visão positivista de afastamento crítico e de neutralidade. De outro modo, relaciono-me com minha pesquisa sem deixar de ressaltar minha existência particular, sem deixar de entender que os processos identitários que me constroem como sujeito fragmentado, plural e contingente estão em jogo nos sentidos que proponho produzir. Isto é, minha posição é a de uma aproximação crítica ao contexto de minha investigação (Moita Lopes, 2009). O conhecimento que desejo construir está localizado numa situação sociohistórica específica. Invariavelmente, as minhas identidades de professor e pesquisador circunscrito à área da Linguística Aplicada, homem, branco, gay, entre outros significados, aparecem nas construções discursivas que efetuo. Portanto, não tenho o compromisso de instituir uma “verdade”, já que entendo que os significados sociais que produzo estão localmente situados e são dependentes de minhas escolhas. Isso significa dizer que assumo a parcialidade de minhas colocações e a contingência de minhas conclusões. Proponho produzir aqui (novas) possibilidades de verdade a respeito do construto social de homossexualidade.

Assim, proponho a análise de narrativas coproduzidas por mim e por outros três rapazes que se constroem como homossexuais. Trato especificamente

de dois ex-alunos e um ex-colega de trabalho, professor de um curso de graduação em Turismo no qual atuei até o ano de 2013. Segundo meu olhar empírico, no contexto em que nos conhecemos e estabelecemos laços profissionais e de amizade, Rafael, Hélio e Gabriel – como são identificados aqui – desestabilizavam e desnortavam sentidos identitários de gênero e sexualidade previstos naquele espaço. Ao dizer isso, levo em consideração que determinadas performances de identidade de gênero e de sexualidade são, por força performativa – isto é, por força da contínua repetição – construídas, normatizadas e desejadas nos espaços sociais. O contexto em que conheci os três rapazes, o da educação formal, é especialmente rico para a observação de performances que desestabilizam esses sentidos, uma vez que ideias como ordem, ajuste e normalização são basilares de sua historicidade.

Conforme se verá, neste trabalho, não estou diretamente interessado em problemáticas que ressaltam as particularidades profissionais que me conectam aos participantes. Isto é, esta não é uma tese que enlaça gênero, sexualidade e educação formal. Contudo, não posso deixar de considerar que os corredores e as salas de aula que compartilhamos ao longo dos quase seis anos de convivência fazem parte da minha história com esses rapazes. As conversas que geraram os dados da presente pesquisa, mesmo não tratando de nosso cotidiano institucional, também estão informadas por nossas performances de aluno, professor e colega de trabalho.

O trabalho insere-se na área da Linguística Aplicada, conforme proposta por Moita Lopes, como um campo do saber que cria “inteligibilidades sobre problemas sociais em que a linguagem tem um papel central” (2008, p. 14). Seguindo tal encaminhamento, proponho uma empreitada mestiça, ideológica, transgressiva e, por isso, indisciplinar. A inscrição na Linguística Aplicada deve-se, entre outros motivos, por ser essa uma área do conhecimento que tem se preocupado em entender as redes semióticas do momento coevo, aqui denominado contemporaneidade. Nesse momento, múltiplos processos de desaprendizagem e ressignificação passam a ocupar a cena social, desestabilizando concepções monoculturais e cristalizadas de vivência e conferindo espaço e voz a identidades construídas historicamente como diferentes e excêntricas. As identidades são aqui entendidas como performances, como

construtos sociais arquitetados em práticas discursivas não relacionados à ideia de essência. Isto é, comparecem aqui concepções de fragmentação e mutação que encontram sentido na metáfora de liquidez construída por Bauman. O sociólogo polonês entende que vivemos no momento da modernidade líquida, quando “o destino dos trabalhos de autoconstrução individual (...) não está dado de antemão, e tende a sofrer numerosas e profundas mudanças” (2001, p. 14). A Linguística Aplicada, enquanto ciência social, propõe estudos que estabeleçam dialéticas entre essa concepção das identidades e as práticas de linguagem, ou seja, estudos que abordem “a linguagem conectada a um conjunto de relações em permanente flutuação” (Fabrício, 2008, p. 48).

Existem algumas possibilidades de abordagem para o trabalho que aqui proponho. Dentre elas opto por um viés sociointeracional de inspiração goffmaniana relacionado às teorias de inclinação queer e aos estudos sobre narrativas. Essa escolha se deve ao contato que estabeleci, durante o curso das disciplinas do doutorado, com uma bibliografia orientada para o olhar interacional sobre as narrativas. Foram centrais, nesse sentido, as aulas de **Introdução à Sociolinguística e Discurso e Identidade**, oferecidas pela Profa. Dra. Maria das Graças Dias Pereira, e **Linguagem e Interação e Análise da Narrativa**, ministradas pela Profa. Dra. Liliana Cabral Bastos, também orientadora deste trabalho. Somam-se a isso as reuniões do grupo de pesquisa **NAVIS/PUC-Rio – Narrativa e Interação Social**, outro espaço de grande relevância para minha formação como pesquisador na área dos estudos em Análise da Narrativa em interseção com as perspectivas sociointeracionais.

O aprofundamento nos estudos de gênero e sexualidade se deu, principalmente, em ciclos de discussão compostos por linguistas aplicados. Minha participação, como aluno ouvinte, em cursos ministrados pela Profa. Dra. Branca Falabella Fabrício e pelo Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes, na UFRJ, foram centrais para compreender os pressupostos da Teoria Queer e suas potencialidades para a pesquisa aqui colocada. Os diversos congressos diretamente relacionados às questões de gênero e sexualidade de que participei como comunicador e ouvinte, ao longo dos anos de doutorado, me possibilitaram diálogos ímpares com pesquisadores de outras ciências sociais. Por fim, minha participação como aluno na disciplina **Multiculturalismo e Educação**, ministrada pela Profa. Dra. Vera

Maria Ferrão Candau, no Programa de Pós-Graduação em Educação da PUC-Rio, possibilitou-me dialogar com pesquisadores/professores das mais diferentes áreas sobre uma literatura que, até aquele momento, não havia sido discutida por mim em ciclos externos aos da Linguística Aplicada. Zygmunt Bauman, Stuart Hall, Néstor García Caclini são alguns dos autores nos quais pude me aprofundar. Ainda que a disciplina não tratasse exatamente de gênero e sexualidade, encontrei ali um espaço bastante fértil para compartilhar dúvidas e inquietações sobre esses assuntos.

É informado por essa gama epistemológica, que busco analisar as interações coconstruídas por mim e pelos participantes entrevistados. A cena da entrevista foi o espaço em que se incentivou a narração de episódios de vida nos quais questões de gênero e sexualidade se tornassem relevantes. Tais episódios são vistos aqui como narrativas de história de vida. Conforme explícito no capítulo 3, entendo por narrativa uma prática social estruturadora do discurso e das relações sociais, “um mecanismo rotineiro de intelecção sobre quem somos, sobre quem são os outros e sobre o que nós e eles fazemos” (Fabrício & Bastos, 2009, p. 42). As narrativas são, então, um construto que favorece o entendimento das relações entre linguagem, práticas de identidade e sociedade, noções centrais desta pesquisa.

O que pretendo compreender é como, interacional e narrativamente, os participantes desta pesquisa coconstroem discursos sobre (suas) homossexualidades. Ao longo das interações, direta e indiretamente, foram efetuadas relações com o que é chamado aqui de dispositivo do armário. Essa ideia tem origem no verbo da língua inglesa *come out*. Trata-se da abreviação de *come out of the closet*, em português *sair do armário*, expressão utilizada para se referir ao ato de assumir-se ou declarar-se abertamente gay. Nas palavras de Almeida, “sair do armário significa (...) estabelecer um ritual performativo que simultaneamente reinstalou o sujeito enquanto homossexual e obriga o entorno social a reconhecer a existência de (mais) um ou uma homossexual” (2010, p. 14). A noção de dispositivo, emprestada da literatura foucaultiana, une-se à ideia do armário para nos levar a pensar na miríade de discursos sobre (in)visibilidades homossexuais que compareceram em meus encontros com os participantes. É,

pois, aos momentos em que isso se tornou mais flagrante que dirijo minha atenção analítica.

Uma questão coloca-se como o problema principal da tese:

- Como os três participantes entrevistados e eu coconstruímos, interacional e narrativamente, sentidos para (nossas) performances de homossexualidade durante os encontros sob escrutínio?

De maneira mais específica, pergunto:

- No plano da interação, isto é, em atenção dedicada à cena interacional da entrevista, como eu e cada um dos participantes negociamos (nossas) performances de homossexualidade? Em termos teóricos, como se dá a dinâmica do trabalho de faces interacionais em relação aos sentidos de homossexualidade com os quais operamos?
- No plano narrativo, isto é, na coconstrução dos episódios narrados pelos participantes, como se dá a estruturação das narrativas e que sentidos de homossexualidade são ali produzidos?
- Que discursos macrosociais são trazidos ao encontro na elaboração dos dois planos anteriores, o interacional e o narrativo? Em outras palavras, quais são os sistemas de coerência criados pelos participantes no plano interacional e no plano narrativo que nos possibilitam acessar sentidos globais relacionados à homossexualidade?

Para responder a tais questionamentos, além deste capítulo 1 de **Introdução** e da seção de **Considerações Finais**, discuto, no capítulo 2, as vicissitudes do momento contemporâneo e sua relação com as identidades de homossexualidade. Ainda nesse capítulo, discuto a ideia de dispositivo do armário para, em seguida, traçar um breve histórico da construção pública das homossexualidades na história recente do Brasil. Finalizo essa parte, com uma seção destinada a uma sucinta e selecionada revisão da literatura interessada nas problemáticas das (in)visibilidades homossexuais.

No capítulo 3, apresento o aporte teórico-analítico da tese, propondo relações possíveis entre a noção de performance advinda dos estudos de orientação queer e as noções de face e estigma apresentadas por Erving Goffman, entre outros construtos alinhavados pela Sociolinguística Interacional. Ainda

nesse momento, elaboro a visão dos estudos em Análise da Narrativa, em especial os que partem das compreensões de William Labov e Charlotte Linde.

A seguir, passo ao capítulo 4, no qual retomo alguns posicionamentos investigativos já delineados nesta introdução, apresento algumas mudanças no desenho da pesquisa que se realizaram ao longo dos quatro anos de doutorado e faço uma apresentação dos participantes, bem como de informações etnográficas referentes à gravação das entrevistas. Por fim, explico a organização metodológica da análise, que será apresentada no capítulo seguinte. Neste capítulo, informo também sobre a manutenção de um diário de pesquisa. Em alguns momentos da tese, ao longo dos capítulos, registros feitos no diário são incluídos em notas de rodapé.

É no capítulo 5 que estão incluídas as análises das entrevistas. O capítulo está dividido em três partes, cada uma dedicada a um dos participantes. Início as seções com informações prévias à gravação da entrevista, passo à análise dos excertos selecionados e, ao final, abro uma subseção de síntese das principais interpretações realizadas.

Algumas observações se fazem necessárias neste momento. A primeira delas se refere à escolha da 1ª pessoa para produzir a redação do trabalho. Ao escrever assim, marco linguisticamente minha ação política no âmbito da academia e reitero a necessidade premente de escapes à ideia de neutralidade, ainda presente em alguns cenários investigativos. Desse modo, entendo que minha proposta dialoga com uma necessidade apontada por Moita Lopes em leitura da obra de Boaventura de Sousa Santos: “a necessidade de um outro sujeito para a Linguística Aplicada: as vozes do Sul” (2008, p. 96). Isto significa dizer que, ao tomar a palavra como pesquisador, faço de minha proposta epistemológica, também uma proposta social e política, ou seja “um projeto social e epistemológico, ou talvez epistemológico porque social, diferindo de muitas tradições que separavam a produção do conhecimento do ser social” (Moita Lopes, 2008, p. 89).

Parece-me importante também ressaltar outro elemento presente na materialidade discursiva de meu texto. Ainda que me incomode o uso do plural masculino, opto por esta marcação linguística por motivos de organização textual. Na tentativa da coerência com a proposição teórica, tentei, em fases anteriores de

escrita, utilizar outras possibilidades de (não) marcação do gênero (uso das desinências masculina e feminina, do símbolo “@” e da letra “x”). Por conta da grande dificuldade de manutenção dessas marcas para todos os casos de flexão de gênero em português, e também por chegar à conclusão de que, de um modo ou de outro, os sistemas binários se fazem presentes, decidi seguir a orientação gramatical normativa usando o plural masculino sempre que fizer referência a um coletivo que contemple diferenças de gênero.

Por fim, é importante dizer também da escolha que faço a respeito do uso de palavras como *gay*, *homossexual* e *homossexualidade*, esta última quase sempre flexionada no plural. Não contextualizadas em todos os casos, elas sempre tentam dar conta de uma perspectiva antiessencialista, antibiologizante e antidespolitizada. Algumas outras opções estão disponíveis na literatura sobre identidades de sexualidade. Estou ciente de que cada um desses termos guarda memórias discursivas distintas e que podem, a depender da leitura que se faz, alcançar interpretações distintas das que proponho aqui. Em lugar de buscar definições na literatura sócio-antropológica ou em outros textos mais atentos à categorização dessas práticas identitárias, opto principalmente pela atenção ao sentido êmico que a essas palavras meus participantes e eu parecemos atribuir. A flexão no plural, quando possível, tentar dar conta da plasticidade e não-universalidade de performances que podem significar os termos.

Antes de terminar esta introdução e iniciar o percurso apresentado, sinto a necessidade de, mais uma vez, registrar um momento de minhas memórias. Em 2006, assim como ocorreu com os sujeitos entrevistados nesta pesquisa, eu saí do armário para a minha família. Curiosamente, também naquele momento, a escrita esteve comigo. Receoso das possíveis reações que meus pais teriam ao ouvirem de mim aquilo que certamente já havia passado por suas cabeças, decidi escrever uma carta para cada um deles. Escrevi então a mesma carta, à mão, três vezes. Deixei os três textos em um lugar estratégico de nossa casa e, já morando em um apartamento alugado com meu companheiro – naquele momento, ainda um “amigo” para meus pais –, telefonei para a minha madrasta e pedi que ela tirasse uma daquelas cartas para ela e entregasse as outras duas, uma para meu pai e outra para minha tia. Não vem ao caso relatar os eventos que se sucederam àquele dia,

muito menos dramáticos do que havia imaginado. Cabe, isso sim, pensar em como a escrita tem sido, no decorrer dos anos, um espaço que venho ocupando com frequência para falar sobre mim mesmo. Não por acaso, quando me encaminho para alcançar o título de doutor, ocupo esse espaço novamente para, entre outras coisas, falar sobre mim. Este trabalho é mais uma abertura de portas. O armário está, hoje em dia, com as portas frouxas, uma vez que as mesmas foram abertas já algumas vezes. Mas elas aguentam. Até quando for necessário, o armário terá suas portas abertas. E a escrita estará ali para auxiliar-me, como faz aqui. Vamos a ela.